

# MALÁRIA JÁ MATOU ESTE ANO MAIS DE 350 PESSOAS NO PAÍS

Pelo menos 370 pessoas morreram nos últimos três meses, vítimas de malária nos vários hospitais provinciais do país, revelou ao "Notícias" o chefe do Programa Nacional de Controlo da Malária no Ministério da Saúde, Dr. Avertino Barreto. No mesmo período, foram diagnosticados 18 mil casos da doença, o que representa uma subida de cinco vezes mais em relação aos números apurados no ano passado.

O Dr. Avertino Barreto disse que só na cidade de Maputo foram diagnosticados, nesse mesmo período, mais de oito mil casos e que a mortalidade provocada por esta doença anda na ordem dos 4,5 a 5 por cento.

"O indicador mais sensível que nós temos é que a malária é uma das principais, se não a principal doença para o internamento de doentes nos hospitais do nosso país. Se não for a primeira, é a segunda causa de internamento nos hospitais e outro tipo de unidades sanitárias moçambicanas", disse o Dr. Barreto.

Acrescentou que dos casos registados, alguns têm-se mostrado resistentes ao tratamento com a Cloroquina, medicamento normalmente utilizado para o tratamento de "primeira linha".

"Trinta a 40 por cento dos casos diagnosticados são casos que requerem o tratamento a partir da

chamada "segunda linha", onde é utilizado um medicamento de nome "Fansidar", e três a quatro por cento a partir da "terceira linha", que é feito com o "Quinino", disse.

Afirmou que apesar deste índice de resistência que a malária está a ter com a cloroquina, esta ainda constitui o tratamento de eleição para esta doença. "Só nos casos devidamente comprovados é que vamos utilizar a segunda linha. Só que neste momento, devido à avalanche dos doentes, ao pouco controlo e à fraca sensibilidade dos próprios doentes e eventualmente de alguns trabalhadores da Saúde, estes medicamentos estão a ser utilizados abusivamente. Mas o processo está a ser estudado, para se poderem tomar possíveis soluções", acrescentou o Dr. Avertino Barreto.

Falando dos "stock's" dos medicamentos disponíveis para o tratamento de doentes nos hospitais, o

chefe do Programa Nacional de Controlo da Malária no MISAU, disse que neste momento existem medicamentos em número suficiente para responder, sem problemas, às solicitações para os próximos três meses.

"Nós temos 'stock's'. Ainda não esgotámos os nossos 'stock's', apesar destes estarem a diminuir de uma maneira rápida. Estamos a gastar o dobro dos medicamentos, principalmente os alternativos, neste primeiro trimestre do que os que gastámos nos últimos oito meses do

não aguentar mais três meses, e a partir daí é que iremos ter problemas se as nossas solicitações à comunidade internacional não forem atendidas atempadamente. Apesar disso, estamos à espera de um novo carregamento dentro de semanas".

Mais adiante, o nosso interlocutor fez questão de alertar para o perigo que o país está à beira de viver, nos próximos anos, caso não se consigam arranjar financiamentos para a compra de insecticidas e larvacidas para o combate ao mosquito adulto e às larvas, onde estes são reproduzidos.

"Neste momento existem imensas dificuldades em garantir insecticidas e outros produtos para o combate ao mosquito adulto, principal vector da doença, devido à falta de financiamento para a compra de tais produtos. Se



A maior parte das pessoas que acorrem às unidades sanitárias do país é diagnosticada a malária. A foto reporta um pormenor do Banco de Socorros do HCM

ano passado. Uma das razões é que as pessoas não cumprem com o tratamento que é dado nas unidades sanitárias periféricas. Vão ao Hospital Central, é-lhes diagnosticada malária e ninguém tem tempo ou preocupação de colher uma história certa sobre se o doente tomou ou não cloroquina e é-lhe fornecida a "segunda linha", que é mais rápida, toma-se logo e o paciente não precisa de alongar o tratamento", explicou a fonte.

Acrescentou que durante o primeiro trimestre do corrente ano foram utilizados cerca de 40 mil comprimidos, das várias linhas, contra os pouco mais de 12 mil utilizados durante os últimos oito meses do ano 1992.

Explicou que se a avalanche de doentes com malária continuar neste ritmo, os "stock's" existentes poderão

esta situação continuar e nós não desenvolvermos qualquer actividade para combater o mosquito adulto onde ele vive, continuaremos a ter sérios problemas e até mais graves do que neste ano", salientou o Dr. Barreto.

Alertou, entretanto, nos cidadãos nacionais que o problema da malária não está na cloroquina, no fansidar, nem no tratamento em si, mas na eliminação das zonas que funcionam como reprodutores de mosquitos.

"Havemos de ter sempre esta doença, mas não com esta velocidade, nem com esta gravidade, se eliminarmos os charcos reprodutores de mosquitos e nos protegemos devidamente dos principais vectores da doença, vamos reduzir drasticamente o problema da malária no país", concluiu Avertino Barreto.